

## ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA

Ida Lúcia MACHADO\*

**RESUMO:** *Este artigo pretende construir algumas reflexões sobre a amplitude teórica da Teoria Semiolingüística de Patrick Charaudeau, considerando as noções teóricas básicas concernentes a uma abordagem ao discurso que se funda no estudo da enunciação, calcado pelo intermeio dos comportamentos sociais enquanto constituintes de práticas languageiras entre instâncias de ação em um contrato de comunicação. Essas práticas emergem de condições de produção e interpretação em que os sujeitos desse contrato fazem uso dos modos de organização do discurso.*

**Palavras-chave:** Semiolingüística; Análise do Discurso; práticas languageiras.

### Primeiros encontros, primeiras reflexões...

Há cerca de 15 anos atrás, tivemos o prazer de conhecer o criador da Teoria Semiolingüística (TS) e seu primeiro livro (onde a referida teoria é apresentada), durante um congresso internacional de professores de francês, realizado em Belo Horizonte. O livro em questão é o resultado da tese de doutorado de Patrick Charaudeau, defendida em 1979, sob a orientação do grande lingüista francês, Bernard Poitiers. Sem dúvida, este é um fato curioso, porque, às vezes, Patrick Charaudeau é criticado, no Brasil, por colegas que acreditam que só há uma “boa” Teoria de Análise do Discurso, ou seja, aquela que advém da *Ecole française d’analyse du discours*, também chamada de *Análise do Discurso Francesa* (ADF) e também por aqueles que acreditam que a TS afasta-se muito da Lingüística, para nela estar inserida... Devemos confessar que, sinceramente, nunca compreendemos muito bem o porquê de tais críticas. Patrick Charaudeau é um estudioso de formação lingüística, como dissemos, que atua em um departamento de Lingüística (na Universidade de Paris 13), ao contrário de vários outros colegas que o precederam e mesmo inauguraram os estudos sobre Análise do Discurso (AD) na França, tais como Pêcheux e Foucault, principalmente.

Antes de trabalhar com AD, nos dedicamos, durante um certo período,

---

\* Pós-Doutora pela Université de Paris XII. Doutora em Lingüística pela Université de Toulouse II (Le Mirail). Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. [idalu@letras.ufmg.br](mailto:idalu@letras.ufmg.br)

à Lingüística Aplicada ao ensino de LE, no caso o Francês. Um dia, resolvemos mudar o campo de estudos e começamos a estudar a AD. Começamos por onde? Por Pêcheux, naturalmente. Mergulhamos horas, dias, noites em suas teorias e lemos tudo o que nos foi possível sobre ele e sua *École*, que, diga-se de passagem, respeitamos muito. Sempre tivemos uma consciência política à *gauche*: é ela quem guia nossa vida em sociedade. Assim, ao ter contacto com a ADF, devemos confessar que as idéias de Pêcheux e seus seguidores, seu desejo de desmistificar, através de uma disciplina inserida na Universidade francesa, a ideologia dominante neste país nos anos 60, 70, ou seja, a ideologia da direita, nos pareceu excelente. Foi esse nosso ponto de partida para o estudo da AD: encontramos, em Pêcheux, um eco, quase que uma resposta, para muitas das injustiças sociais que, infelizmente, a vida nos mostra.

Por essa mesma razão, achamos as idéias de Patrick Charaudeau, num primeiro momento, “suaves” demais, em relação às da ADF, ou seja: a primeira coisa que nos saltou aos olhos ao ler o primeiro livro do autor, foi seu aspecto sociológico. As primeiras leituras, como as primeiras impressões são sempre incompletas ou talvez, nelas deixemos falar mais nossa subjetividade que a subjetividade do autor, propriamente dito. Assim, a medida em que fomos nos embrenhando nos conceitos da TS, pudemos perceber que, ainda que se tratasse de uma teoria mais “terra a terra” que a ADF, lingüisticamente falando, era uma teoria que oferecia um instrumental teórico bem aberto – no sentido positivo! – a várias reflexões e raciocínios. Reflexões sobre o uso da linguagem, os chamados usos “linguageiros”<sup>1</sup> em diversos momentos de nossas vidas em sociedade, em meio a esse turbilhão de discursos que nos envolvem, no tempo e no espaço: discursos do cotidiano, de interações simples e mesmo banais, mas, também discursos mais elaborados ou de construção mais elaborada, como os “discursos fundadores” sobre os quais fala Maingueneau e outros, tais como os retóricos, os literários...

### **Segundas reflexões...**

Nossas leituras sobre a TS, no dia de hoje, nos levam a crer que Patrick Charaudeau elaborou, de modo consciente ou não, uma junção de conceitos vindos de Benveniste com outros vindos de Bakhtin, chegando então a conceber um dos pontos inovadores da citada teoria: a volta do “sujeito”, conceito que havia sido completamente “pulverizado” por Barthes, nos anos 60 e depois, de certa forma, por Pêcheux e seus seguidores. Estamos nos referindo aqui, é claro, não ao “sujeito-assujeitado” de quem fala Foucault, mas, ao sujeito histórico, com suas idiossincrasias e crenças e também com o seu “estilo”.

Para criar sua teoria, Patrick Charaudeau saiu do *Héxagone*, ou seja, da França e se internacionalizou, de certa forma. Partindo de sua sólida

---

<sup>1</sup> Neologismo criado no *Núcleo de Análise do Discurso* da FALE/UFMG, em 1993.

formação como lingüista, ele alçou novos vãos para outros horizontes além dos que lhe foram dados pela lingüística “pura” e “dura”, mas também pela lingüística *light* e mais “humana” de Benveniste e Bakhtin e pela Semiótica Greimasiana; o teórico voltou-se, ainda, para aquisições vindas de modernas teorias comunicativas anglo-americanas, tais como a Etnologia, a Antropologia e, mais especificamente, na Inglaterra, para as belas teorias de Grice e Austin e pela Pragmática. É por isso que ele mesmo já nos disse, várias vezes, que sua teoria é “antropofágica”. Mas, os discursos – e isso nos leva a Bakhtin (1970), naturalmente, – não são jamais “puros”, já que uns alimentam ou dão origem a outros e estão sempre em transformação, segundo seus diferentes usuários.

Alguns lingüistas pensam, erroneamente, que a TS só funciona bem se aplicada a documentos de imprensa; outros dizem que seu único campo de ação é a publicidade e enfim, seus detratores dizem que, enquanto teoria analítica de discurso ela seria “sem profundidade”, por não entrar na crítica propriamente dita dos discursos tratados e não pedir/cobrar a transformação destes.

Acreditamos que, como em nossa primeira leitura da TS – quando a “taxamos” de “por demais sociológica” – os olhares acima descritos são um tanto quanto “distráidos”. Se lermos com mais cuidado o livro que a inaugura (*Langages et Discours*), veremos que seu autor, já em 1983, aplicou sua teoria nos mais diversos tipos de discurso: o administrativo, o de imprensa, o publicitário, mas também o político e o literário. E que sua análise é crítica, no sentido em que des-constrói os discursos para melhor observar/fazer ressaltar os motivos que lhes deram origem, o “porquê” de sua produção e, de certo modo, as ideologias que presidiram a esta construção. Mas, ressalte-se: este tipo de análise, pede um pesquisador que aborde seu *corpus* com um olhar neutro, despido de ideologias, para melhor poder julgá-las, se estas aparecerem de forma evidente ou implícita, no final da pesquisa; nunca antes. No domínio da TS não se parte do pressuposto, algo como: “o discurso X é de esquerda, o discurso Y é machista, o discurso A é feminista e minha pesquisa vai provar isto.” Não; a pesquisa em TS pode levar o analista do discurso a empreender ou a descobrir novos rumos (que ele nem mesmo suspeitava existir!)... Enfim, será a análise “fria” ou imparcial dos atos languageiros<sup>2</sup> que poderá fornecer ao pesquisador os elementos necessários para a elaboração de um julgamento com bases científicas.

Podemos ousar e afirmar que, ao lançar a TS, seu criador estava deseioso de fazer com que o discurso voltasse a ser considerado como objeto de estudos na vida universitária francesa. Com a morte de Pêcheux e com a ênfase que este pensador deu à história, à memória e, sobretudo, às formações discursivas e à ideologia, a disciplina AD, é preciso dizer, havia perdido seus créditos junto à academia. Onde colocá-la, no final dos anos 80 do século XX?

<sup>2</sup> Análise esta que levará em conta o intra e o extra-discursivo.

“Amalgamada” a qual ou a quais disciplinas? *Grosso modo*, graças a pesquisadores como Simone Bonnafous, Dominique Maingueneau, Guy Lochard (entre outros), os estudos discursivos encontraram um “amparo”, um lugar para se desenvolver, como disciplina, nos cursos de Comunicação e, no caso de Patrick Charaudeau, no próprio âmbito dos Estudos Lingüísticos, ou seja, na “Formação Doutoral em Lingüística”, em Paris XIII.

### **Outras reflexões sobre: como lançar uma nova Teoria?**

Para fazer com que a AD fosse aceita como tal, foi preciso que a noção de “ideologia” – conceito difícil de ser explicado – sofresse uma “transformação”: a TS, de modo inteligente, utilizou a noção de “social”, lugar onde se desenvolvem os discursos, para substituir a noção de “ideolôgia”. Mas, evidentemente, todos sabem que o “social” abarca tudo: a história, as ideologias, assim como também os rituais, normas e crenças que regem a vida do homem em sociedade.

Não foi fácil para Patrick Charaudeau lançar sua antropofágica teoria. Para começar, ele teve a oposição dos ainda seguidores de Pêcheux e dos lingüistas “puros” e “duros”, repetimos. Para poder “contrabalançar” as críticas dos primeiros, nosso teórico usou algumas inteligentes estratégias. Citemos apenas uma delas: no livro *Langages et Discours* (p. 43) ele mostra o resultado de uma interessante experiência: submeteu um ato de linguagem, isolado de seu contexto, mas, com características que evidenciavam sua ligação com um determinado discurso político, a diferentes pessoas, para saber a opinião delas sobre seu possível autor. Trata-se do enunciado seguinte: “Não devemos mendigar nossos direitos, mas, obtê-los através da luta” (tradução nossa).

Como Patrick Charaudeau mostrou, tal enunciado por ser, aparentemente, tão “de esquerda” e observado fora de sua situação de comunicação, teve sua autoria imputada a: (i) um representante de um grupo oprimido; (ii) um militante sindicalista; (iii) um “esquerdista”; (iv) um revolucionário; (v) um partidário da luta armada pela conquista dos direitos dos trabalhadores. O teórico revelou então, que tal enunciado havia sido proferido por um dos maiores facínoras, em uma posição de poder, que o mundo moderno já conheceria: Hitler. O que o lingüista quis mostrar, em resumo, foi que: (i) os discursos “viajam” e podem ser “encenados” por uns e outros, independentemente da ideologia primeira, que lhes deu origem; (ii) um ato de linguagem só pode ser bem analisado se nele considerarmos sua parte lingüística (ligada ao “mundo das palavras”) e sua parte “extra-lingüística”, ligada à situação de comunicação na qual se encontram os parceiros da comunicação.

A televisão e as recentes campanhas políticas por ela divulgadas – no Brasil e na França – nos provam o que foi dito. Na França, foi realizado um estudo lexicológico do discurso do político (do Partido socialista!) Lionel Jospin, candidato à presidência do país, nas eleições de 2002; notou-se, então, que este político, em nenhum de seus discursos, usou a palavra “trabalhador”

(“ouvrier”). Já Jacques Chirac, candidato da direita, adotou um discurso que seria, *a priori*, da esquerda... se examinado fora de seu contexto psico-sócio-linguagístico. Não podemos negar totalmente – isso seria por demais triste – que não exista nas vidas desses homens políticos uma ideologia política dominante; no entanto, devemos convir que, muito mais que isso, o que se vê, atualmente, no cenário político, *grosso modo*<sup>3</sup>, é uma bela “representação” ou uma bem estudada “mise en scène” no âmbito dos discursos proferidos, visando, sobretudo, a conquista do poder.

### **Reflexões sobre análise [do discurso] com um “s”...**

Em um artigo nosso, de 2003, começamos por afirmar que não há apenas uma AD, mas várias ADs. Esta questão, aliás, já havia sido levantada por Maingueneau, em 1995, no prefácio da revista *Langages* número 117, número este dedicado às *Análises do Discurso*: “O que aqui apresentamos, rompe com essa tradição” diz o organizador da revista. Ou seja: este “rompimento” deve-se ao fato da citada revista ter, até então, dedicado alguns de seus números exclusivamente a pesquisadores da ADF ou da *Ecole Française d’Analyse du Discours*. Maingueneau acrescenta então, um “s” à palavra “Análise” e lembra ainda que, atualmente, não é só o discurso político que é abordado por estas “novas” concepções de análises discursivas, como aconteceu na época da citada escola.

Maingueneau (1995, p. 5) diz ainda, no mesmo prefácio:

Queremos assim, colocar em evidência uma pluralidade de pesquisas que o brilho da ADF (ou “Escola Francesa”) mascarou, durante muito tempo. Na França, a análise do discurso não pode, em hipótese alguma, ser reduzida hoje a tal corrente, cujos objetivos e métodos iniciais pertencem, de agora em diante, à história das idéias (Tradução nossa).

Ainda Maingueneau (*Ibidem*):

Temos que reconhecer que não há um acesso único para estes discursos [para analisá-los], mas uma multiplicidade de abordagens regidas por preocupações bem variadas. (Tradução nossa)

É interessante também lembrar o que Patrick Charaudeau disse, em novembro de 1997, na conferência de abertura do *I Simpósio Internacional sobre AD*, organizado pelo Núcleo de Análise do Discurso (NAD) da FALE/UFMG: “Quem pode hoje ter a pretensão (ou assumir a distância necessária) para fazer o balanço de uma disciplina que tem apenas 40 anos?”

---

<sup>3</sup> Evidentemente – e, felizmente – exceções existem!

Resumindo: o que queremos enfatizar, aqui e agora, é que a Semiologia é *uma* das possibilidades que a moderna Análise do Discurso oferece, hoje, para se analisar discursos, dependendo dos objetivos e dos *corpora* dos pesquisadores.

Assim, de modo geral, o discurso, visto por esta teoria é um “jogo comunicativo”, jogo de representações sócio-linguageiras que, forçosamente, é estabelecido entre uma sociedade e seus membros.

### **Reflexões sobre alguns *atouts* da TS: os atos de Linguagem e Contratos**

A TS fala muito em “atos de linguagem”, uma terminologia empregada (talvez) no lugar de “enunciados”; porém, um ato de linguagem deve ser visto não só pelo fato de conter um “Eu” que se dirige a um “Tu”, em determinado lugar e hora, mas, também como algo carregado de uma intencionalidade e motivado por uma visada de influência.

Nessa ótica, notamos que todo ato de linguagem está inserido em um contrato<sup>4</sup>, contrato este que se estabelece entre os parceiros da comunicação. Dito de modo bem simplificado, em uma aula, o contrato seria: o professor vai tentar ensinar algo, os alunos vão tentar aprender este algo. Em uma saída entre amigos, depois do trabalho, na sexta-feira, o contrato seria: a conversa vai “rolar”, “estamos aqui para nos divertir e vamos tentar evitar assuntos tristes”. Em um *e-mail*: escrevemos para alguém, de modo simplificado, para estabelecer um contato qualquer (dar ou solicitar uma informação, enviar um “oi”, etc.). No mercado ou na feira livre: o contrato seria: alguém vai no referido local, para comprar algo e busca alguém que tem esse algo (verduras, frutas) para lhe vender. Em uma publicidade: um objeto qualquer é mostrado, valorizado, para despertar o desejo de compra no leitor da publicidade (no caso, explicação também simplista do referido contrato).

Os componentes de um contrato, segundo a TS são: o *comunicacional*, o *psicossocial* e o *intencional*. Para ilustrar o que dissemos, lembremos uma publicidade escolhida ao acaso: por exemplo, a de uma página da versão francesa da revista americana *Cosmopolitan*, quando esta apresenta, por volta de 2001, um novo lançamento de perfume, o *Rouge Hermès*. No caso dessa publicidade, qual seria seu contrato, do ponto de vista *comunicacional*? Como a publicidade está numa revista, os dois parceiros (que chamaremos de modo rudimentar, *publicitário* e *consumidor*) não estão um face ao outro, não se vêem. O canal utilizado para a comunicação entre eles, seria, pois, o da página impressa.

Ainda pensando nessa publicidade. Qual seria seu componente

---

<sup>4</sup> Eis um ponto forte da teoria Semiológica. Porém, não custa lembrar, tal noção já aparece conceitualizada, discursivamente falando, em Greimas (1979: 69) que foi buscá-la nas ações e documentos jurídico-administrativos, ou seja, no “Contrato” enquanto instrumento jurídico de acordo entre partes.

*psicossocial?* Eis algo bem subjetivo. Em nosso caso pessoal, além de consumistas de perfumes, somos consumistas de publicidades de perfumes... Nosso estado psíquico diante de um documento impresso ou diante de um ato de linguagem desse tipo, varia conforme nossos sentimentos na hora em que somos defrontadas com este ou aquele ato de linguagem (publicitário) e conforme o que nossos interlocutores oferecem (no caso da página impressa), como ato de troca comunicativa... Uma série de razões, ligadas ao nosso comportamento extra-lingüístico determinaria nossas reações face a determinadas publicidades de perfume, divulgadas por revistas.

Vejamos enfim, o último componente: o *intencional*. O fabricante da referida publicidade já sabe que existe, na França, uma clientela *Hermès* que conhece a *griffe* e por ela se interessa: acreditamos que é para esta clientela “cativa” que a publicidade é dirigida, em uma primeira instância. No entanto, também, é lógico, ela é dirigida a outras leitoras que não sendo usuárias da marca, poderão ter seu interesse despertado pelo novo lançamento desta. Há uma intenção, um apelo muito grande, direcionado a esse público de leitoras da publicidade divulgada em *Cosmopolitan* (o “cativo” e o eventual/novo). No nosso caso pessoal, ao nos interessarmos pela publicidade em questão, estamos partilhando e aceitando o imaginário cultural francês, de certa forma...

Em outras palavras, toda situação de comunicação depende, pois, de um contrato –que é, normalmente implícito a essa situação de comunicação e que é constituído pelos seguintes dados:

- Aqueles que definem a finalidade do ato de comunicação. Estão ligados às questões: *Como explicar a função e a presença dos sujeitos-comunicante/enunciador em determinado ato? O que o sujeito-comunicante vai levar o sujeito-enunciador a dizer?*
- Os que determinam a identidade dos parceiros. Estão ligados às questões: – *Quem se comunica com quem ou quais são os parceiros de um determinado ato de linguagem? – Que papéis são por eles assumidos, no jogo comunicativo?*
- Dados relacionados às circunstâncias materiais nas quais se realiza o ato de comunicação. Estão ligados às questões: *-Em que ambiente, com que meios, usando qual canal de transmissão se dará a interação propriamente dita?*

O espaço das estratégias discursivas que existe em todos os tipos de contratos representa a margem de manobra que nós, enquanto sujeitos-comunicantes, dispomos para executar nossos projetos de fala, ainda que dentro de certas limitações discursivas. Tal espaço responde à pergunta: - *Como dizer isso ou aquilo?*As escolhas que fizermos vão produzir efeitos específicos no destinatário da comunicação<sup>5</sup>...

---

<sup>5</sup> Ou “sujeito-interpretante”, segundo a terminologia de P. Charaudeau (1983).

### Últimas reflexões, à guisa de conclusão...

Eis enfim uma rápida ilustração, tirada de nossa vida cotidiana, que visa a mostrar como a TS pode nos ser “útil”<sup>6</sup>: há alguns meses atrás assistimos, no *Canal Brasil*, uma das últimas chanchadas produzidas no Brasil, logo após a fundação de Brasília. Como ficamos cientes de tal “dato histórico”? A resposta é simples: pela fala dos personagens, por uma canção, pelo título do filme... Os atos de linguagem que nele circulam deixam ver, claramente, o “desconforto” gerado pela mudança da Capital, nos cariocas. E isso é bem visível, em um filme sem objetivos intelectuais ou políticos, cuja intenção maior era a de divertir o espectador. Os atos comunicativos trocados entre os dois atores principais do filme, repletos de gírias e trejeitos “datados” mostram a realidade social e histórica de uma época: o início dos anos 60, do século XX, no Brasil. A TS nos permitiu, assim captar o “social” e mais que isso o “psicossocial” da época citada. Este é, acreditamos, um dos pontos “fortes” da teoria e que marcam sua originalidade diante de outras teorias lingüístico-discursivas. Estudar fatos linguageiros pelo viés do social é, sem dúvida, uma maneira de se tocar no histórico... e no ideológico, evidentemente, já que um não vem sem o outro.

Gostaríamos de concluir, citando Patrick Charaudeau (2003: 23):

Para evitar que uma lingüística seja, de um ponto de vista, ingênua, é necessário que sua teoria e seus instrumentos de análise sejam centralizados na descoberta dos jogos de significação psicossociais contidos nos atos de linguagem, jogos estes que se realizam em uma determinada comunidade sócio-cultural. É na carga semântica dos vocábulos, por meio dos modos de organização discursiva que os integram, e numa situação de intercâmbio, que se podem levantar as marcas desses jogos.

A Semiolingüística, dando lugar a uma diversificação/polifonia de sujeitos, ou seja, ao considerar aqueles que atuam no mundo “real” e aqueles que falam no “mundo das palavras”, acaba por abranger tanto idéias de um Ducrot ou de um Austin – que enfatizam o poder das palavras, em um mundo a elas interno – como também idéias de um Bourdieu, que preconizam a legitimidade situacional ou institucional dos sujeitos-comunicantes.

### MACHADO, I. L. SOME REFLECTIONS ON SEMIOLINGUISTICS THEORY

**ABSTRACT:** *This paper aims at approaching some aspects on the theoretical framework of Semiolinguistics. Discourse will be considered as a language social practice in a communication contract. Such practices are concerned*

---

<sup>6</sup> Já que o lado “utilitário” da Teoria é algo que deve ser sempre ressaltado.



*to interpretation and production conditions in which subjects, inserted in a contract, use discourse organization modes.*

**Keywords:** Semiolinguistics; Discourse Analysis; language social practices.

### **Referências Bibliográficas**

CHARAUDEAU, P. **Langages et Discours**. Paris: Hachette, 1983.

\_\_\_\_\_. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MACHADO, I. L. *et al.* **Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas**. Belo Horizonte: Col NAD/FALE/UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. Une analyse sémiolinguistique du discours. In: MAINGUENEAU, D. (org.). **Langages**. nº 117, 1995.

MACHADO, I. L. Uma teoria de análise do discurso: a Semiolingüística. In: \_\_\_\_\_. *et al.* **Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2003.

MAINGUENEAU, D. Présentation. In: \_\_\_\_\_. (org.) **Langages**. nº 117, p.5-11.

